

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

# Salazarismo!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## O COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

ANALISOU AS DIFICULDADES QUE LHE FORAM CRIADAS PELA REPRESSÃO E A SITUAÇÃO POLÍTICA NACIONAL E TOMOU IMPORTANTES RESOLUÇÕES PARA A DEFESA DO PARTIDO E PROSSEGUIMENTO E ALARGAMENTO DA LUTA POPULAR CONTRA O SALAZARISMO

No momento em que a repressão salazarista desenvolve os maiores esforços para atingir a Direcção e os melhores quadros do P.C.P., e cresce a onda repressiva de terror e violência contra as pessoas da oposição, através de todo o país, o C.C. do Partido reuniu para estudar novas medidas de defesa para o Partido e contra a repressão, para ver como alargar a unidade das forças oposicionistas e fortalecer a luta contra o odioso regime salazarista. O C.C. também analisou o caminho andado pelo Partido no reforçamento dos laços do internacionalismo proletário, que ligam a luta dos trabalhadores portugueses à luta dos outros povos pela paz, pela democracia e pelo socialismo.

Na Ordem dos Trabalhos da reunião do C.C. figuravam 3 pontos fundamentais: a) Defesa do Partido; b) Situação política; c) Internacionalismo proletário.

### Para uma melhor defesa do Partido

Ao tratar do primeiro ponto da Ordem dos Trabalhos o C.C. concluiu que os potentes movimentos de massas verificados no país durante e após as eleições presidenciais, ao mesmo tempo que alteraram num sentido favorável às forças democráticas a correlação de forças, isolaram mais ainda a camarilha salazarista, criaram ao regime a sua maior e mais grave crise.

« É no sentido de adiar a sua morte certa, ditada pela movimentação do nosso povo e favorecida pela evolução política à escala mundial, que o regime alargou e reforçou o seu já enorme aparelho repressivo e começou a desencadear desde o último período eleitoral uma violenta vaga de repressão que tem vindo a aumentar dia após dia, tomando as formas mais violentas, contra as forças da oposição e em particular contra o Partido Comunista e os seus militantes — como se diz na Circular saída dessa reunião.

Ao mesmo tempo que analisou as brutais medidas repressivas desencadeadas pelas autoridades contra os trabalhadores industriais e agrícolas que lutam em defesa dos seus interesses vitais, o C.C. estudou também os actos de violência e perseguições desencadeadas pelas forças repressivas de Salazar contra as forças da oposição, desde os comunistas até aos agrupamentos militares e católicos.

« Porque o P.C.P. é a principal e mais consequente força política anti-salazarista, o regime fascista de Salazar concentra contra ele a sua principal acção repressiva, visando aniquilá-lo, ou, pelo menos, impedir que ele mantenha o con-

tacto com as massas que estão a desenvolver lutas reivindicativas de carácter económico e político.

Este objectivo, se fosse conseguido, representaria a melhor garantia para o salazarismo prolongar por mais tempo a sua permanência no Poder. Precisamente por isso, a PIDE orienta os seus principais esforços contra os comunistas e particularmente contra os funcionários do Partido e os membros do seu Comité Central.

Ao mesmo tempo que prestou homenagem à heróicidade de mais de duas dezenas de camaradas da direcção do Partido ou do seu quadro de funcionários presos nos últimos tempos, o C.C. do Partido salientou como nem as torturas nem as mais barbas violências da PI

DE conseguiram arrancar qualquer declaração prejudicial ao Partido ou à luta democrática a esses honrados filhos do nosso povo. A prisão destes e de outros militantes deslocados foi um rude golpe não somente para o Partido comunista mas também para o conjunto das forças democráticas portuguesas.

Estes golpes sofridos pelo Partido Comunista criaram naturalmente dificuldades, atrasaram a sua acção política, mas não conseguem impedir que o Partido continue a ser a principal força política da Oposição. Ao contrário do que desejam e esperavam os inimigos do povo, estes rudes golpes não conseguiram esfrangalhar o Partido, este « não foi nem será jamais

(continua na 2.ª pág.)

## SALAZAR QUER AFOGAR EM SANGUE

O DESEJO DE INDEPENDÊNCIA DOS POVOS DAS COLÓNIAS PORTUGUESAS EM ÁFRICA

O odioso sistema colonialista caminha rapidamente para o seu fim, pulverizado pela luta dos povos coloniais sedentos de liberdade e de independência. O movimento libertador que já varreu de vastas regiões do globo o domínio imperialista alarga-se cada vez mais a novas regiões da Ásia e da África, alenta todos os povos subjugados e faz prever para breve a liquidação total do colonialismo opressor.

Também os povos das colónias portuguesas começam a enveredar decididamente pelo caminho da luta pela sua independência e nada nem nenhuma força os poderá impedir de conquistá-la. Os povos de Goa, de Angola, de Moçambique, da Guiné e das outras colónias portuguesas conquistarão a sua liberdade e independência e a tarefa do povo português é de apoiá-los decididamente na sua luta, ajudá-los por todos os meios, combater intransigentemente o inimigo comum.

A causa dos povos das colónias portuguesas é a própria causa do povo português. Ele merece a simpatia e o apoio activo de todas as pessoas progressistas de Portugal e em primeiro lugar da classe operária portuguesa.

Esse apoio activo importa materializá-lo pois Salazar apressa os preparativos para mover aos povos subjugados pelo colonialismo português uma verdadeira guerra colonial com todas as suas atrocidades e destruições que a ir por diante cobrirá de desonra e de ódio o nosso povo.

Salazar reforçou extraordinariamente o seu aparelho repressivo contra os povos de Angola e Moçambique, Guiné e S. Tomé e Príncipe. Nos principais centros dessas colónias a odiosa PIDE dá largas

ao seu banditismo prendendo e torturando em massa os patriotas negros que se levantam contra a escravidão da sua Pátria. Só em Luanda foram recentemente presos cerca de 600 patriotas alguns dos quais sucumbiram já às bestialidades da PIDE.

Agricultores do Alto Malango que procuram libertar-se das cadeias dos monopólios comerciais portugueses, formando cooperativas e desenvolvendo um comércio livre com o exterior, foram perseguidos e maltratados pelas forças repressivas.

Ao mesmo tempo Salazar intensifica os preparativos para desencadear operações guerreiras contra os povos de Angola, Guiné, Moçambique, S. Tomé, etc.

Foram ainda há pouco as demonstrações de tropas paracaidistas em vários pontos de Angola para que obrigaram a comparecer à força populações inteiras, foram os exercícios de napalm pela primeira vez, o envio do objectivo de intimidar o povo de Angola. O sub-secretário da Aeronáutica nas suas andanças por Angola profere discursos claros sobre as futuras operações militares contra o povo angolano no caso deste tentar recuperar a sua independência. Agora o sub-secretário do Exército, o general de Artilharia com idênticos objectivos e nas várias unidades militares da metrópole intensifica-se o recrutamento de tropas mercenárias para as colónias portuguesas ao mesmo tempo que se enviam novos contingentes para Angola, Moçambique e Guiné.

O Ministro da Colónia por sua vez realiza em África contactos com as restantes potências colonialistas a fim de coordenar com elas a ofensiva contra os povos africanos.

O Ministro fez na África do Sul incoerentes afirmações quanto às intenções agressivas do governo português. Salazar não hesita mesmo em apelar para os imperialistas americanos no sentido de intervirem mais abertamente nas colónias portuguesas oferecendo-lhes para isso riquezas que são pertencentes aos povos.

Tais riquezas despertam o apetite dos parceiros «atlânticos» de Salazar. Assim nos últimos meses desfilaram por Angola e Moçambique os embaixadores em Lisboa dos Estados

## A CONFERÊNCIA DE GENEBRA E O PROBLEMA ALEMÃO

GES PCP

14 meses depois de terminada a segunda guerra mundial, Berlim continua ocupada por tropas estrangeiras, relhada em zonas de ocupação e transformada num foco permanente de espionagem contra a República Democrática Alemã (em cujo território esta enervada), num centro de provocações fascistas, de tensão internacional e de manutenção da guerra fria.

A solução do problema de Berlim seria uma contribuição poderosa para o alívio da tensão internacional e para a unidade do povo

alemão. Por isso a U.R.S.S. Soviética, empenhada numa política de apaziguamento e de melhoria das relações entre todos os povos, apresentou às outras potências propostas concretas tendentes a facilitar a solução do problema alemão e a conduzi-lo à assinatura dum tratado de paz com os dois Estados alemães. Estas propostas, que linham em conta a realidade presente e as aspirações do povo alemão, têm sido sistematicamente rechaçadas pelos círculos governantes das nações ocidentais, empenhados acima de tudo em manterem os agentes da reacção internacional no seio da Alemanha Democrática, em evitar a democratização da Alemanha ocidental e a sustentar no Poder os reaccionários revanchistas de Bonn.

Ante a recusa sistemática das potências ocidentais em negociar uma solução — mesmo provisória — do problema de Berlim, o governo da União Soviética, como potência ocupante, reservou-se o direito de transferir para o povo alemão — isto é, para o governo da

(continua na 6.ª página)

Unidos, da Inglaterra, da França, da Alemanha e da Bélgica.

Os objectivos de rapina e de agressão contra os povos das colónias portuguesas são evidentes em todos estes actos e visitas das colonialistas portuguesas e estrangeiras.

Salazar não encara tanto contra os povos das colónias portuguesas? Por que Paulo Cunha e outros negreiros apelam tanto à repressão e a outros que arrancam lucros fabulosos à custa da desenfreada exploração dos povos africanos.

Elas fazem-no para defender os sordidos interesses dum punhado de roedores e monopolistas portugueses e estrangeiros que arrancam lucros fabulosos à custa da desenfreada exploração dos povos africanos.

É bastante significativo o que em 1950, por exemplo, a taxa de divórcio das sociedades anónimas com sede em Portugal que actúan nas colónias tem sido de 19,5%, enquanto a taxa de divórcio das sociedades que actúan na metrópole foi de 9,8%.

Des 261 sociedades anónimas com sede em Lisboa com 1000 acções cada, 10 companhias colónias 4.011, 425 contos. Quer dizer, menos de 3%, destas sociedades dispunham de 2 milhões de contos.

Os lucros fabulosos que tais capitais proporcionam são obtidos à custa da mais horrenda miséria dos povos das colónias, das suas riquezas, da exploração mais infame dos seus filhos.

O nosso povo não está disposto a deixar-se arrastar a uma guerra colonial e a defender os seus próprios interesses desta gente. Além de que uma guerra colonial lançaria Portugal na maior ruína, deixaria invulso o compromisso nas relações futuras de Portugal com os povos dessas países que quebrado, seria uma guerra colonial dia a dia menos dias ao longo do colonialismo português.

A classe operária portuguesa enviara todos os esforços para que os direitos dos povos das colónias portuguesas não sejam realizados e para que se dê aos povos das colónias portuguesas a possibilidade de continuarem a ser próprios destinos.

Que os colonialistas portugueses tirem as mãos da África!

Que o nosso povo responda no apelo de independência dos povos das colónias portuguesas apoiando por todos os meios a sua justa luta.



# A REUNIÃO DO COMITÉ CENTRAL

(continuação da 1.ª pág.)

*aniquilado e mantem-se na vanguarda da luta anti-salazarista*

Depois de lembrar outros períodos de feroz repressão na história do Partido e das consequências dessa repressão nas suas fileiras, o C.C. salientou que sempre o nosso Partido soube vencer essas crises ao mesmo tempo que manifestou a sua inteira confiança na capacidade de defesa das organizações do Partido, desde a sua direcção até à base. «O Partido, unido como um só bloco, saberá enfrentar as dificuldades» — salienta a Circular saída dessa reunião.

## O combate ao liberalismo e à indisciplina

O C.C. constatou que o clima político que se viveu durante e após o acto eleitoral, juntamente com as exigências e solicitações da luta, sobrecarregaram todo o aparelho ilegal do Partido com novas tarefas práticas «criaram certo ambiente de euforia que facilitou o aparecimento de concepções legalistas e liberais que conduziram ao atropelo das regras conspícuas e ao relaxamento da disciplina partidária». «Em ligação com isto verificou-se um afrouxamento da crítica e da auto-crítica e da vigilância revolucionária que, entre outras coisas, facilitou a promoção de indivíduos que, após a sua prisão, traíram miseravelmente o Partido e o povo, concretamente os miseráveis Marinho, Manuel Amador e José Malaquias». «Estas traições permitiram à PIDE localizar camaradas, organizações e métodos de trabalho que levaram à prisão de camaradas, ao assalto de casas do Partido e criaram novas e sérias dificuldades à defesa e às tarefas do Partido». O C.C. concluiu que uma das armas a que o governo e autoridades salazaristas estão a delamir para tentar criar confusão nas massas e a divisão nas fileiras da Oposição são as calúnias anti-comunistas. Essas calúnias tomam as mais diversas formas e vão desde a afirmação de que o Partido «está ao serviço do estrangeiro» até que é orientado pelos dirigentes de outros partidos comunistas irmãos, ou que recebe fundos do estrangeiro, etc.. Esta campanha de calúnias dos fascistas visa, naturalmente, tentar tornar o Partido Comunista odioso aos olhos dos patriotas e tentar justificar a repressão feroz que contra ele é exercida pela odiosa PIDE. O passar do tempo e a ligação dos factos se encarregarão de demonstrar a falsidade das calúnias fascistas que de resto vão encontrando um número cada vez menor de ouvintes dispostos a aceitarem essas atoardas.

Depois de ter analisado todos estes aspectos do trabalho do Partido e de ter feito um trabalho de crítica e de auto-crítica ao seu próprio trabalho de direcção, o C.C. tomou todo um conjunto de medidas tendentes a reforçar a defesa do Partido e o cumprimento de certos princípios básicos dessa defesa. Essas medidas de defesa podem resumir-se nos seguintes pontos:

a) Respeitar e fazer respeitar em todo o Partido os princípios leninistas da disciplina partidária, do cumprimento das resoluções, da crítica e da auto-crítica e da vigilância revolucionária de classe.

b) Discussão obrigatória nas reuniões do Partido do trabalho de organização e da situação conspirativa. Controlo de execução das decisões tomadas. Cuidados na ligação do trabalho legal com o ilegal.

c) Modificação do estilo de trabalho do Partido do topo à base. Naturalmente que estas resoluções, se não forem levadas à prática, se não houver em todo o Partido, do topo à base, um esforço persistente para as transformar numa realidade política, por si só não poderão bastar. Importa, por isso, respeitar estas resoluções, fazer delas o guia da acção diária de todos os militantes do Partido.

Na Circular elaborada pelo C.C. na sua reunião, são precisadas estas tarefas e são dadas explicações às organizações do Partido de certas medidas tomadas, como, por exemplo, a possibilidade do corte temporário, em virtude da repressão, de contacto com algumas organizações ou quadros do Partido. Em qualquer circunstância, o C.C. lembra que é dever de todas as organizações e militantes manterem-se firmes nos seus postos e prosseguir com a sua acção revolucionária mesmo que temporariamente possam ter perdido os contactos com a direcção do Partido.

O C.C. terminou este ponto da sua Ordem de Trabalhos salientando que «a existência do Partido Comunista, do Partido da classe operária portuguesa, é essencial para a luta do nosso povo, não sómente para assegurar o derubamento do salazarismo, mas também para assegurar posteriores transformações de carácter democrático e social». Na defesa dessa existência preciosa estão empenhados milhares de portugueses, estão empenhados os melhores filhos do povo português. Por isso mesmo «o Partido é invencível porque invencível é a causa do povo que representa».

## A situação política nacional e a acção do Partido

O C.C. iniciou depois a sua atenção sobre a situação política nacional, as suas perspectivas imediatas e as tarefas do Partido no momento presente.

Principamente, o C.C. debucou-se sobre a situação angustiosa das classes trabalhadoras, sobre a acção do Partido na mobilização destas classes, na luta pelo melhoramento das suas condições de vida e de trabalho, sobretudo na luta pela conquista dum aumento imediato de salários, jornas e ordenados, mantidos a um nível de miséria pelos governantes salazaristas, e encorajou medidas para o melhoramento posterior da acção do Partido neste terreno.

Estas lutas enforcam na campanha nacional pela demissão de Salazar, que é neste momento todo o fulcro da acção política do Partido e das outras forças anti-salazaristas.

A campanha para a demissão de Salazar lançada pelos democratas de Braga, Porto e Lisboa, encontrou o mais profundo eco em todas as camadas da população. O interesse das massas populares por esta campanha, as variadas acções que a caracterizaram até agora, põem na ordem do dia a preparação e organização de uma tal iniciativa, que deve ser objecto dos esforços con-

juntos de todas as forças anti-salazaristas para o que se impõe chegar a acordo sobre os variados aspectos da sua preparação e realização.

O C.C. considerou que uma tal jornada de luta poderá ser um passo decisivo para o afastamento de Salazar se a ela aderirem todos os portugueses e portuguesas desejosos de uma mudança de rumo na política nacional.

No final da discussão o C.C. aprovou um documento dirigido à nação no qual, depois de analisar a situação económica e política do país, se apela para a acção unida de todas as forças anti-salazaristas na luta sagrada pela liberdade da pátria, pela demissão de Salazar, constituição dum governo de portugueses honrados que encaminhem Portugal na via da democracia.

## O salazarismo está mais fraco hoje do que ontem

O documento do C.C. desenvolve, em primeiro lugar, a correlação de forças no plano nacional e internacional para concluir que a situação actual é francamente favorável às forças democráticas e anti-salazaristas.

«Pode-se por isso dizer afoitamente — conclui o documento nestecapítulo — que o salazarismo está hoje mais fraco do que ontem e estará mais fraco amanhã do que hoje. O tempo jogará inexoravelmente contra Salazar e tanto mais quanto mais unidos estiverem as forças que se lhe opõem».

## Do descontentamento à acção

O documento faz em seguida um balanço das lutas travadas nos últimos 7 meses cuja expressão mais brilhante foi a greve vitoriosa de mais de 6.000 pescadores da Costa Norte do país que durou 70 dias. Milhares de operários industriais e agrícolas e pescadores do Porto, do Minho, das Beiras, do Oeste, de Lisboa, da Margem Sul do Tejo, do Alentejo e do Algarve lançaram-se em dezenas de lutas de muitos milhares de trabalhadores, lutas que foram das simples exposições até às reduções na produção e às greves.

Igualmente a intelectualidade progressiva, os estudantes, os pequenos e médios agricultores, industriais e comerciantes, largos sectores das forças armadas e outros portugueses se manifestaram das formas mais variadas contra a política salazarista.

Nestas lutas «todos — comunistas, socialistas, republicanos, monárquicos liberais, católicos e mesmo muitos que ainda num passado recente apoiavam Salazar» manifestam-se contra a repressão, pela amnistia total aos presos políticos, pelas liberdades democráticas.

«E bem toda a nação que exige melhores condições de vida e uma viragem radical na política portuguesa. A nação deseja de maneira definitiva que Salazar se vá embora».

## Uma política orientada contra o povo

Um tal desejo radical-se na consciência cada vez mais ampla de que as consequências da política

de Salazar pesarão duramente sobre as massas populares.

Toda a política salazarista se orienta para a defesa dos monopólios portugueses e estrangeiros. Salazar compra o apoio ao seu regime com a entrega aos monopólios estrangeiros, e em primeiro lugar aos americanos, de vastas riquezas em Portugal e nas colónias.

A sua submissão à política de guerra do imperialismo americano, a sua odiosa política colonialista «consustanciada na exploração e na repressão mais feroz contra os povos que aspiram e lutam pela sua liberdade e independência», a sua ruinosa política económica criaram uma situação de aguda crise que cai principalmente sobre os ombros das classes trabalhadoras.

«Crise económica e crise política, — eis o panorama actual da vida portuguesa».

Como consequência desta política accentua-se o isolamento do salazarismo, a decomposição, a corrupção e o descrédito do regime.

E toda «uma política anti-nacional, que o nosso povo deseja ver terminar rapidamente afim de abrir ao país novos caminhos que o conduzam a uma vida mais bela, mais livre e feliz».

## A solução do problema político português

O documento do Comité Central aborda em seguida a questão da solução do problema político português, salientando que todas as forças anti-salazaristas se pronunciam inequivocamente por uma solução de carácter pacífico que exclua uma luta fratricida entre portugueses.

A este desejo pacífico da esmagadora maioria da nação «Salazar responde com a intensificação do terror e da repressão, com o assassinato, torturas e espancamentos de patriotas, com a metralha contra o povo indefeso, com as prisões em massa».

«Os salazaristas esforçam-se por fechar uma a uma as possibilidades de largarem o Poder por meios pacíficos e tentam empurrar por todos os meios o país para uma solução de força onde esperam esmagar o movimento popular contra o seu regime».

É um jogo perigoso para Salazar e os seus comparsas desviar o nosso povo dos seus pacíficos anseios e colocá-lo ante a necessidade de responder à violência dos governantes com a violência. As forças que incluem Salazar a seguir um tal caminho «assumem, por isso, pesadas responsabilidades ante a nação e comprometem gravemente o seu futuro político».

É preciso, porém, confiar que o nosso povo terá ainda a força suficiente para impedir a realização dos desígnios sangrentos de Salazar e que as forças que o apoiam acabem ainda por dar provas de sensateza política.

## A unidade de acção é a mola que fará saltar Salazar do Poder

Contra esta política provocadora de Salazar devem unir-se todas as forças anti-salazaristas numa só frente de combate e mobilizarem

(continua na 5.ª pág.)





# DESPREZO E HOSTILIDADE DO POVO DO NORTE A AMÉRICO TOMÁS

A viagem do almirante Américo Tomás ao Alentejo, Algarve e Setúbal foi caracterizada pela indiferença e hostilidade das massas. Recolhendo a amarga experiência desse fracasso, os fascistas usaram uma nova tática na viagem do caixeiro viajante do selazismo ao Norte. Fizeram coincidir a sua viagem com as festas populares de S. João no Porto e em Braga, com a Feira do Ribatejo em Santarém e a do Coleite Encarnado em Vila Franca de Xira.

Esta manobra teve o objectivo de apresentar ao país e ao estrangeiro o povo que foi a esses festejos como manifestantes que saudavam o usurpador Américo Tomás e o regime fascista de Salazar.

A imprensa, a rádio, e a televisão e toda a máquina de propaganda fascista foram postas ao serviço destas viagens, chegando ao extremo de falsificar, por sobreposição, fotografias que seiram em jornais diários apresentando grandes massas de gente em locais onde só esteve um reduzido número de pessoas.

Mas estas manobras não deram, porém, o resultado que os fascistas esperavam. O povo do Norte que ainda há um ano acolhera apoliticamente o General Humberto Delgado, estava agora, ao ausente, ou silencioso, ou participando na agitação e nas acções de protesto contra o presidente-fantoches e o regime odioso que ele representa.

O «Avante!» descreverá neste breve reportagem, a forma como em verdade o valente povo do Norte recebeu o fante Américo Tomás, caixeiro-viajante do fascismo.

## NO PORTO

A maioria das pessoas que assistiram à chegada de Américo Tomás ao Porto eram, além dos fascistas notórios, dos agentes da PIDE elegionários, crianças das escolas, representações de algumas colectividades que foram convidadas a comparecer com os estandartes, bombas, polícias da PSP e outras forças armadas.

Na concentração organizada pelos fascistas defronte da Câmara Municipal, e apesar de terem trazido da província algumas camionetas com legionários e manifestantes pagos, quando Américo Tomás saiu da Câmara não havia mais que 300 pessoas. Os apelos aos «vivas», feitos através dos alto-falantes, não lograram mais do que as breves e ensaiadas respostas das crianças das escolas e os gritos histéricos dos fascistas. Entretanto os cafés da Praça e da Avenida dos Aliados estavam repletos de gente, mas poucas foram as pessoas que saíram à rua quando passou o cortejo presidencial. Além disso pontos recuaram-se a largar o trabalho e o patronato limitou-se a facultar a saída a quem quisesse. O movimento dos transportes colectivos foi como nos outros dias, excepto na ponte e na Avenida, onde a polícia, meia hora antes da chegada de Américo Tomás, mandou parar o trânsito para, assim, arruinar o cortejo automobilístico.

No dia da chegada, os operários recusaram-se a largar o trabalho e o patronato limitou-se a facultar a saída a quem quisesse. O movimento dos transportes colectivos foi como nos outros dias, excepto na ponte e na Avenida, onde a polícia, meia hora antes da chegada de Américo Tomás, mandou parar o trânsito para, assim, arruinar o cortejo automobilístico.

Na noite de S. João, no Palácio de Cristal os apianhos do povo foram para os ranchos folclóricos e quando Américo Tomás chegou, foi recebido com hostilidade e indiferença.

As crianças foram esperar o usurpador Américo Tomás debaixo da ameaça e da coacção. Um professor de Pedrouços (Aresoa) distribuiu bandeirinhas às crianças com a ameaça de que se não fossem esperar o sr. presidente não as levaria a exame.

Em vários pontos da cidade viam-se muitas inscrições: «Fora com Salazar», «Abaixo a PIDE», «Amnistia», «Viva Humberto Delgado». Milhares e milhares de manifestos e tarjetas eram passados de mão em mão e favoravelmente comentados pelo povo.

## EM BRAGA

Apesar dos milhares de forasteiros que, como nos demais anos, acorreram a Braga para os festejos de S. João, apesar das camionetas da Legião andarem numa roda viva a transportar gratuitamente gente das aldeias, também ali se verificou a frieza e a hostilidade.

Para chegar a Viana, foi alterada a hora da procissão de S. João, para evitar que o povo se concentrasse logo nessa manifestação religiosa. Para atrair o povo aos locais próximos da Porta Nova, local de entrada de Américo Tomás na cidade, a Câmara pôs os 60 ranchos folclóricos a dançar no pátio fronteiriço ao Município. Na altura da recepção os alto-falantes convidavam o povo a espalhar-se pelas ruas, onde dentro em pouco passaria o Tomás. Como o povo não obedecesse, a polícia começou a encaminhá-lo para lá. Os alto-falantes faziam apelos a «vivas», aos quais o povo não correspondia. Os estudantes liceais e da escola técnica foram feitas ameaças de carácter escolar (perder o ano) se não fossem à manifestação.

Os apelos de «vivas» não eram correspondidos. Quando Américo Tomás chegou ao fim da Avenida, a banda da Marinha tocou «A Portuguesa». Alguns fascistas tentaram que ela fosse cantada em coro. Para isso começaram a cantar, mas ao segundo compasso, por falta de acompanhamento, tiveram de desistir.

Cerca da meia noite Américo Tomás foi ao rancho Gonçalo Sanjo da Avenida. Foi recebido com hostilidade. No meio do silêncio que se formou, ouviram-se assobios enquanto a polícia disse: «Levontem-se para o sr. Presidente da República!». Durante a manifestação um ardina andava a vender fotografias do Tomás e de Salazar. A dada altura foi surpreendido pela polícia com o seguinte pregão: «Dois vigários».

## TRIBUNA DO LEITOR

Um jovem soldado que esteve na Índia escreveu a seguinte carta para o «Avante!»

«Começo por contar como decorreu a viagem, desde o Cais de Santa Apolónia até ao Cais de Mormugão. A viagem propriamente dita foi boa porque não houve vendavais, e não ser o do fono, das más condições de dormida e das condições de alimentação. Não se fez nada alimentalmente nas horas das refeições. Estas eram distribuídas a um 1/2 cabo que por sua vez a distribuiu a 10 soldados e, por sua vez, a 10 soldados, foram obrigados a comer sementos no chão».

As como eram apenas os colchões nos beliches e dois e a três e melhos nos porões das cabines. Quando não havia condições de transporte para seres humanos, mas sim para animais.

Enfim, chegando ao nosso destino — Mormugão — ali tudo se acabou a desolação. Os soldados andavam rotos e mal cuidados; alguns que andavam melhor vestidos era à conta própria. Os civis, os pobres, os doentes, que desistiram de lutar, lá foi o seu destino. Desolados, quase não, apenas com um pedaço de pão já velho tirado das partes gemidas. As mulheres parilhadas e mal cuidadas, desoladas, apenas usam uma saia, nome que dão a uma peça do tecido, com que enrolam o seu corpo. Fazem trabalho idêntico ao dos homens, assim como os servem na cozinha civil, canalizagem, limpeza, rega de águas, trabalham nas minas, carregam minério para os barcos, etc., ou seja longe do paraíso interior, não há importância, a vida dos pobres gentes é ainda mais difícil e carregada de miséria!

A salientação dos trabalhadores constava apenas de um corte de canil, preto característico dos indianos e logo as refeições a uma pinga de chá. Também eu e os meus colegas muitas vezes tivemos de comer

tas por vinte e cinco tostões!...

Como protesto contra a ida a Braga do usurpador Américo Tomás foi feita na altura da sua chegada a esta cidade uma larga distribuição de manifestos e tarjetas que foram recebidas com entusiasmo. Muita gente começou a colaborar na sua distribuição. A propaganda era assim muito do clero, vindo para outros sítios, ou atrairá das janelas dos electricos.

## Em Guimarães

Em Guimarães novo molengo. Para a manifestação ao Almirante Tomás foram buscar muita gente às aldeias. Duas camionetas dos transportes colectivos da Câmara de Braga andaram a transportar gente de S. João de Braga para esta cidade.

Foram muitos os antecoroneiros, as crianças das escolas, militares e outros elementos para engrossar a manifestação.

A maioria da indústria esteve parada, mas nem por isso os operários compareceram, e os que compareceram adoptaram uma posição silenciosa. Nas zonas católicas de Graça e Sande, a passagem do cortejo os operários e seus familiares, tentaram-se nas valetas, silenciosos.

## Em Viana do Castelo

Em Viana, para a recepção, dois comboios e duas camionetas transportaram a comitiva de Viana para o cais onde se notaram-se vários reacções por parte dos comerciantes contra a colocação de fotografias de Américo Tomás nas montras da mesma forma se notaram reacções por parte da população em relação às bandeiras que a Câmara distribuiu de porta em porta.

Cerca de 400, dos efectivos do Batalhão de Caçadores 2 foram vestidos à paizana (calça preta e camisa branca) e incorporados nos manifestos transportando distingas de apoio ao regime.

As comens de lavadeiras estaciona-

arroz de caril e carne de certos animais que me envergonho de revelar o nome, tudo por falta de alimentos necessários.

Quando à maioria dos que vivem em Viana a sua situação e a situação de Portugal no território indiano, eu por mim confesso, muito embora não tivesse ouvido da boca de nenhum deles, que não há um país que aceite com agrado a tirania portuguesa, a não ser algum capitalista. Nenhum vê com bons olhos os portugueses que estão em Índia. Eu posso falar com experiência própria pois permaneci em Goa durante 30 meses em serviço obrigatório, dos quais 10 meses andei pelas fronteiras a lutar de lado com o governador de Índia. Em todo este tempo liði com todos as regras existentes em Goa (e não são poucas) e nenhuma há que aceite a «miséria» dos portugueses em Índia. Eu posso falar com bem até porque eles nos lemlem, mas na ausência tudo fazem por nos contrariar. Não quero mudar mais e para não me lembrar da viagem de regresso que foram mais 30 dias de sacrifícios, não vos falo dela. Era o regresso ao lar palerno e ao convívio de que mais nos eram queridos, por isso não me conta das más condições dessa viagem.

Malo de 1959

4 decilírios de vinho não chegam...

Quando o Américo Tomás visitou o Algarve, por lá não em 2-3-59, os feneas da Palma reuniram todos os seus gados e também os seus 1.700 homens, mulheres e filhos em 2 dias ao longo da estrada nacional.

A chegada do Tomás, o patrão Chico gritou para os trabalhadores: «Tirem o chapéu e deem as mãos!». Nas mãos os homens nem se moveram e os chapéus deram vãos, tirando um ou outro, mas logo outros companheiros gritavam e faziam troço.

Os pobres tinham dado a cada homem e mulher 4 decilírios de vinho para que dessem vãos.

das de um lado e de outro da ponte e que durante o trajecto do Américo Tomás já tinham lançado flores, foram pagas a 10\$80. Todos os aldeões do Albergue distribuíram flores obrigados a incorporá-lo na manifestação.

Os alto-falantes quando Américo Tomás chegou à ponte começaram a pedir vivas mas não foram ouvidos.

Tanto antes da visita como durante esta, foi feita larga distribuição de tarjetas e manifestos que foram muito bem recebidos pelo povo.

Antes e durante a visita do Tomás estiveram em Viana 150 agentes da PIDE.

## Uma surpresa em Parafol

Em Parafol, quando da inauguração do barragem, procedeu-se ao desceramento dum marco comemorativo. No acto da inauguração, quando foi realizada a bandeira portuguesa que cobria o marco, apareceu o retrato do general Humberto Delgado.

Em Felgueiras, Vizela e St.º Tirso

Em numerosas estradas do Minho e Trás-os-Montes os carros da caravana tiveram várias vezes paradas em resultado dos toques que o povo deu no estrado.

EM FELGUEIRAS, talvez impressionado com a enorme quantidade de inscrições anti-salazaristas nas paredes e na própria caravana, o seu carro, a frente do carro quando este parou em frente da Câmara, o Presidente da Câmara, envergonhado, teve ainda um gesto hostil.

EM ST.º TIRO, quando a caravana do Tomás e disse: «E V. Ex. não se apela ao demónio-me». O Tomás viu mas este incidente aliado ao volume da agitação é assunto de todas as conversas.

EM VIZELA, quando da passagem do cortejo presidencial alaram para o automóvel de Américo Tomás, feijões, batatas, etc. Na estrada, a caravana de Américo Tomás por esta localidade e perante os apelos insistentes dos fascistas para se darem a vivas ao Sr. Presidente da República, a caravana viu, ao general Humberto Delgado e à República.

## Em Leixões

No litoral, embarques de Américo Tomás para Aveiro, os barcos de pesca foram «convidados» a comparecer, o embaixador e a apilar.

Quando a caravana chegou a esta povoação, vários barcos não embandeiraram e muitos não apareceram.

A maior barcos deu-se em Caraveolos (Matosinhos). Na estrada apareceram muitas crianças, rolas, descalças, e algumas nuas, acompanhadas por muitas mulheres nuas e velhas, também descalças. Quando a caravana de automóveis apareceu foi obrigada a abandonar a marcha por a estrada estar ocupada por uma multidão de estrangeiros cobrir os seus olhos com as mãos, mostrar a sua miséria ao usurpador e à sua comitiva.

## Em Aveiro

Em Aveiro, Américo Tomás foi recebido pelo povo com igual frieza. Sabe-se agora que a Câmara vai lançar a toda a população uma campanha de apoio ao regime.

Costa-se ver que este breve relato, o valente povo do Norte faz as suas tradições liberais e democráticas recebeu Américo Tomás, o povo do Norte não escutou a propaganda fascista, escutou sim a voz da razão, do seu nome, da sua miséria e do seu descontentamento.

Este acolhimento frio e hostil aos fascistas, tanto no Sul como no Norte do País, são mais uma prova de que o povo português está cada vez mais consciente da sua miséria e da sua situação política nacional. A elevada compreensão política das massas mostra a todos os olhos a necessidade de intensificar e coordenar todas as acções populares e de trabalharmos activamente para a libertação do nosso país, para a demissão de Salazar como primeiro passo para uma mudança de regime e de governo.



## E · POLÍTICA

[illegible]







## O socialismo em marcha

### A CAMINHO DA CONSTRUÇÃO DO COMUNISMO!

Em Leninegrado existe uma fábrica de calçado, onde todos os trabalhos estão mecanizados, que produz 70 mil pares de sapatos por dia, mas que procura elevar a produção de forma a cumprir o plano septenal em 6 anos.

Na fábrica trabalham 12 mil operários (82% são mulheres), 2.050 pertencem à organização da juventude (Komsomol) e cerca de 10.000 são membros do sindicato. A fábrica, que já possui 12 condecorações do Governo em virtude do seu intenso labor, traçou o plano de satisfazer completamente nos próximos 4 ou 5 anos as necessidades de vivendas para os seus operários, não obstante os planos anteriores preverem um prazo de 10 a 12 anos.

Anexa à fábrica existe uma escola secundária onde estudam mil-trabalhadores da fábrica e seus filhos, além duma escola de qualificação nocturna. Todos os jovens de 16 aos 18 anos trabalham somente 6 horas por dia.

A fábrica tem também um hospital privado, 4 jardins de infância, sanatório e casas de repouso, 3 bibliotecas (de literatura, técnica e marxista), etc.

Quando nos lembramos da miséria em que vivem os nossos operários de sapataria e da crise em que se debatem os centros industriais de calçado de S. João da Madeira, Guimarães, etc., confrontando com o crescente bem estar dos operários soviéticos, melhor compreenderemos o abismo que separa o regime socialista soviético do regime de fome e miséria de Salazar.

Perto da heroica cidade de Stalingrado está-se construindo uma central hidro-eléctrica que será uma das maiores da União Soviética e a maior do mundo. A sua produção será superior a toda a energia eléctrica produzida na Rússia antes da gloriosa revolução socialista de Outubro.

Presentemente já estão laborando 3 das 22 turbinas de 115.000 kw cada, cujos trabalhos deverão ficar completados em fins de 1960. A central terá um comprimento total de 5 quilómetros, duas represas com a altura de 26 metros para permitir a passagem de barcos de grande tonelagem, além de passagens especiais para as várias espécies de peixe; sobre a barragem passará uma auto-estrada, uma ponte para caminho de ferro, etc.

Na edificação desta colossal obra de engenharia trabalham 35.000 construtores; para os quais foi construída, especialmente, uma cidade com habitações modernas possuindo todas as comodidades e na qual vivem 67.000 habitantes. Nesta cidade foi também construído um estádio para 10.000 pessoas, uma piscina coberta com água quente, um teatro, uma ampla casa de cultura, etc.

Este desvelo do Partido e do Governo da União Soviética pelos trabalhadores soviéticos evidencia bem o contraste existente com o desprezo a que são votados pelo governo de Salazar os trabalhadores portugueses que têm construído barragens no nosso País.

Nacidade de Leninegrado, berço da Grande Revolução de Outubro,

existe a maior fábrica de turbinas do mundo. No seu labor pacífico a fábrica está construindo turbinas para as novas e potentes centrais eléctricas da União Soviética e também para outros países socialistas.

Algumas delas têm a potência de 215.000 Kw (para a central hidro-eléctrica do Angara) e outras, térmicas, de 600.000 Kw. Para se avaliar a sua extraordinária potência bastará dizer que 600.000 Kw é a potência total das turbinas da central central de Dnieptrowski.

Nesta grande fábrica trabalham 11 mil pessoas das quais 2.800 são mulheres e 60% jovens.

Devido ao desvelo do Partido e do Sindicato, a situação material e cultural dos trabalhadores da fábrica melhora continuamente. Com o auxílio da fábrica, cada família pode construir uma pequena casa de verão, além das habitações que são construídas pela fábrica para os operários, com a ajuda do Estado.

As mulheres - que amamentam filhos têm uma hora de descanso sem diminuição de salário. A fábrica

possui amplos refeitórios, com refeições completas a preços reduzidos, um hospital com capacidade para 750 pessoas e apetrechado para cirurgia, um estádio construído em 1958 e onde praticam desportos mais de 1.000 operários da fábrica. Possui também um coro com 200 figurantes e mais de 500 trabalhadores participam nos diversos círculos de cultura. Existem, além disso, vários jardins de infância, creches, etc.

Anexa à fábrica existe uma escola técnica média onde todos poderão estudar, além dos estabelecimentos infantis onde estudam os filhos dos trabalhadores da fábrica. Para estes existe ainda um campo de pioneiros onde poderão passar o verão.

Com a realização grandiosa do Plano Septenal, a situação dos trabalhadores soviéticos sofrerá uma ascensão ainda maior, o seu bem estar melhorará ainda mais. Sómente o socialismo, que utiliza as energias do homem num trabalho pacífico e criador, poderá oferecer tais perspectivas aos trabalhadores.

## MAIS DOIS EXEMPLOS SIGNIFICATIVOS

Ainda sobre as passeatas propagandísticas do caixeiro viajante do salazarismo, Américo Tomás, informamos que na sua visita a Tancos a oficialidade fez orleins mousas ao convite para levarem as suas esposas à festa, na piscina. Por outro lado muitos oficiais, embora convidados, não foram à festa retirando-se ostensivamente para Lisboa.

Não tem menor significado o que se passou no final da Taça de Portugal, no Estádio Nacional. Convencido de que ia ser aclamado, Américo Tomás desceu ao rectângulo para entregar a Taça ao clube vencedor. Mas a coisa passou-se de maneira diferente: O povo que se estava manifestando alegremente, quando viu o presidente usurpador descer ao relvado, calou-se subitamente, numa atitude hostil e indiferente. E só voltou a mostrar o seu entusiasmo e alegria quando Américo Tomás saiu do relvado e o capitão do Benfica exibindo a Taça se virava para o público.

Não são estes dois exemplos bem significativos?

## O estafado disco das "Ordens de Moscovo"

### LÁ VAI TOCANDO...

No seu afã anti-comunista, Salazar e os seus comparsas lançam mais as invenções e calúnias mais absurdas para denegirem a acção dos comunistas portugueses e enfraquecerem o prestígio e a influência do Partido Comunista junto das massas populares.

Neste capítulo a imaginação dos fascistas chega a ser delirante. Depois das declarações à imprensa do director da PIDE e do ministro do Interior coube agora a vez ao deputado-policia Américo Navarro de destilar a sua bilis anti-comunista, este, em plena tribuna da Assembleia Nacional. Compreende-se que naquela sensaboria da Assembleia Nacional os senhores deputados tenham de vez em quando necessidade dum intermédio mais ou menos cómico-policia. A este respeito o engenheiro André Navarro serviu-lhes um bom episódio com uma diabólica engrenagem internacional montada para fazer cair Salazar, com ligações subterrâneas, correios secretos, etc., etc., etc.

Pretende ele que o Partido Comunista Português é comandado do exterior pelo Partido Comunista Italiano donde recebe, além disso, «o dinheiro de Moscovo»...

Enfim, uma estafada história com novas variantes.

O camarada Palmiro Togliatti, secretário geral do Partido Comunista Italiano, deu já a tais calúnias a justa resposta. Transcrevemos do jornal «Unità» a carta por ele enviada ao «deputado» André Navarro:

«Não tenho a honra de conhecê-lo, mas em relação às afirmações por si feitas acerca de funções que me caberiam de dirigir o movimento comunista popular de Portugal, desejo dizer-lhe e mais particularmente à opinião pública democrática portuguesa, que um desmentido é mesmo superfluo. Trata-se antes de tudo duma vulgar contra-facção da verdade. Entre outras coisas, tenha presente que o aumento do tráfego marítimo com Portugal foi realizado pelos armadores italianos dos quais nenhum é comunista. Todos os Partidos Comunistas se dirigem por si próprios, de modo plenamente autónomo. A fraterna solidariedade dos comunistas de todo o mundo não destrói este princípio fundamental. A classe operária, os camponeses e todas as forças democráticas de Portugal não têm necessidade de nenhuma direcção exterior ao seu país para conseguir conduzir até à vitória a luta pela restauração dum regime democrático e pelo progresso social».

## GENEVBRA

(continuação da 1.ª pág.)

República Democrática Alemã — o controle das vias de acesso à cidade, as quais se fazem através do território da R. D. A. Ao mesmo tempo que apresenta esta sugestão, a URSS defende o ponto de vista que a unificação das duas Alemanhas é um problema que só diz respeito ao povo alemão e que é este, portanto, que cabe decidir quando e como se deve fazer tal unificação.

As propostas e sugestões soviéticas causam profundo alarme entre os nazis e revanchistas de Bonn que querem manter indefinidamente o regime de ocupação na Alemanha Ocidental, pois sabem que só desta forma poderão travar a marcha do povo alemão para a democracia e evitar que ele expulse do poder o governo do Dr. Adenauer. Os monopólios da Alemanha Ocidental contam com a protecção americana, inglesa e francesa para manterm o povo alemão e o manterem dividido, já que se sentem impotentes para subjugar a R. D. A.; sem essa protecção os monopólios e reaccionários estariam condenados a uma existência muito curta.

A posição dos círculos reaccionários da Alemanha Ocidental encontra franco acolhimento nos governantes norte-americanos, nos déguilistas e nos regimes fascistas de Salazar, Franco e outros. Porém, a opinião pública internacional exige a solução rápida do problema de Berlim, repudia abertamente a ideia dum conflito internacional por causa de Berlim. Os governantes ingleses, pressionados pela opinião pública do seu país e em conflito crescente de interesses económicos com os trustes da Alemanha Ocidental (pois estes estão a ocupar em muitos países o lugar que antes pertencia aos ingleses, como sucede por exemplo em Portugal) não apoiam já abertamente o Dr. Adenauer e chocam-se, de certa maneira, com a posição dos governantes americanos e franceses quanto a Berlim.

A falta de interesse dos círculos governantes ocidentais em encontrarem uma solução justa do problema de Berlim — por transitória que seja —, aliada às suas divergências de opinião a tal respeito, fizeram arrastar a Conferência de Genebra e provocaram o seu encerramento sem resoluções concretas.

No entanto, a Conferência de Genebra permitiu aclarar dúvidas e definir posições. Ante a pressão da opinião pública mundial as nações participantes dessa conferência terão de ir para uma conferência de alto nível. Por outro lado, a marcha dos acontecimentos levou o presidente dos Estados Unidos a convidar Nikita Krutchev, presidente do conselho de ministros da União Soviética, a visitar os Estados Unidos, visita que será retribuída pelo presidente dos Estados Unidos com uma digressão pela União Soviética.

As conversações que tais visitas permitirão realizar representam um importante passo para o desampliamento da situação internacional e para a solução do problema de Berlim.